ISSN 2318-9703

Memória é Luta!

emecê

Boletim do Núcleo de Pesquisa Marques da Costa . Ano X . Nº27 . Abril de 2014

Caixa Postal 14576 . CEP.: 22410-971 . Rio de Janeiro . RJ . emece1924@yahoo.com.br . http://marquesdacosta.wordpress.com

A CAMINHO DA UTOPIA

As passagens de Giovanni Rossi pelo Rio de Janeiro

Giovanni Rossi (1856-1943), agrônomo e veterinário italiano, foi o idealizador e principal militante anarquista envolvido na experiência da Colônia Cecília, realização comunitária socialista libertária que transcorreu no estado do Paraná entre 1890 e 1894. Rossi, aos 18 anos, teria se filiado à Associação Internacional dos Trabalhadores em 1873, ligando-se a seu núcleo anarquista. Após a sua graduação em Veterinária e Agronomia em 1875, foi trabalhar na região de Pisa, onde nascera. Em 1878 publicou o livro *Un Comune Socialista*, contendo seu projeto de criar uma comunidade anarquista, projeto que iria desenvolvendo em edições posteriores. Mudando-se para Gavardo em 1882, participou de uma associação agrícola que congregava sócios anarquistas, socialistas e livre-pensadores. Em 1886 funda em Pisa o jornal *Il Socialista* para a divulgação de seus ideais, ali publicando apelos para voluntários que quisessem participar de uma colônia libertária. Sua prática do jornalismo militante continuou com *Lo Sperimentale,* fundado em Brescia em 1886, que tinha como objetivo defender a fundação de colônias e difundir o pensamento anarquista. Em 1887 inicia mais uma experiência comunitária agrícola com mais de 30 cooperantes em Cittadella. Em 1889, Rossi e seus companheiros concebem o projeto de criação de uma comunidade socialista experimental na América, não tendo ainda optado pelo Brasil, o que viria posteriormente em função dos incentivos dados à emigração pelo governo brasileiro.

Giovanni Rossi

Sobrevivendo por quatro anos em meio à oposição de inimigos, invasões e ações nocivas por parte de elementos da própria Colônia, ainda vítimas de deformações mentais e educacionais geradas pela sociedade estatal-capitalista, a experiência comunal não conseguiu resistir à cobrança de impostos pelo governo republicano. A Colônia Cecília, no entanto, continua sendo debatida até hoje, tendo contribuído muito para o desenvolvimento inicial do movimento anarquista e sindicalista revolucionário no país, ao atrair muitos militantes ácratas para a região Sul (1).

No entanto, a historiografia, com raras exceções, ignorou durante muito tempo a existência da Colônia, pois seria tocar em um assunto que foi durante muito tempo tabu para a esquerda marxista e a direita: o anarquismo. Este "esquecimento" só começaria a ser reparado com o aparecimento de obras de Edgar Rodrigues e de Newton Stadler de Sousa ao final dos aos 1960 e início da década de 1970 (2).

Os anarquistas, naturalmente, nunca deixaram de comentar sobre a Colônia tanto no Brasil como no exterior, tendo as idéias de Rossi provocado até mesmo polêmicas, como as que manteve com Errico Malatesta, que expressava o temor de que as colônias libertárias poderiam desviar forças da revolução, dispersando os militantes (3). No plano internacional a publicação de documentos, depoimentos e opiniões sobre a Colônia começou já alguns anos após seu término, com a edição em Zurique (Suíça) em alemão do livro *Utopie und Experiment*, organizado por Alfred Sanftleben, um anarquista alemão que utilizava o pseudônimo de Slovak e cujo trabalho seria reeditado em 1979 pela editora Karim Kramer, de Berlim. Em 1910, Sanftleben se juntaria aos revolucionários durante a Revolução Mexicana, redigindo durante um ano uma página em inglês para o jornal *Regeneración*, fundado pelos irmãos Flores Magón e um dos principais veículos dos

anarquistas mexicanos (4).

Sanfteleben chegou a enviar o livro que havia organizado para a imprensa anarquista do Rio de Janeiro. O primeiro jornal anarquista editado na cidade, *O Despertar,* registra em sua edição de 29 de janeiro de 1899 o recebimento, entre outras publicações, do livro de Slovak, transmitindo a seus leitores, juntamente com um endereço para contato, o pedido de Sanfteleben para que tanto anarquistas quanto socialistas enviassem um ou dois exemplares de livros, folhetos, manifestos e jornais com vistas a um trabalho de sociologia que estaria escrevendo (5).

A imprensa anarquista do Rio, mesmo passadas cinco décadas, não se esqueceria de Rossi e da Colônia Cecília. A 15 de abril de 1949 o jornal anarquista *Ação Direta*, em circulação desde 1946, dedicava um texto de informação sobre Rossi (que havia falecido há poucos anos) e à Colônia na coluna *Figuras do Anarquismo*. O texto, entretanto, demonstrava o quanto a Colônia naquele momento talvez fosse pouco conhecida até mesmo pelos próprios anarquistas, afirmando-se ali que Rossi pretendera fundar uma "colônia de filósofos" e que teria regressado à Itália em 1905 (na verdade foi em 1907) (6).

O que nenhum dos dois textos mencionava era a passagem de Rossi pelo Rio de Janeiro, narrada por ele mesmo em um texto em que relata sua sensação quando o navio Cittá di Roma, em que viajava, adentrou a Baía de Guanabara:

Entramos na baía majestosa do Rio de Janeiro. O espetáculo é tão imponente pela elevada cadeia de montanhas que rodeia o espelho amplo das águas, tão pitoresco em virtude das belas construções espalhadas sobre a costa e nas pequenas ilhas, tão gentil por todos os matizes de verde que oferecem à vista os morros ornados por elegantes palmeiras, tão fulgurante graças ao sol que resplandece entre o azul do céu e o verde-claro do mar, tão eloqüente em sua linguagem universal que cada passageiro, seja qual for sua condição e cultura, levanta o rosto e exclama: - Ah! como é lindo !(7)

Tendo embarcado em Gênova a 20 de fevereiro de 1890, Rossi chegava ao Brasil pelo Rio de Janeiro depois de um mês. E é curioso observar que em meio às suas preocupações com a travessia do Atlântico recém-completada e em relação às dificuldades que ainda os aguardavam, Rossi ainda tivesse olhos para admirar a paisagem do Rio. Estas expressões de encantamento com as belezas naturais da Guanabara – consideravelmente menos destruídas que na atualidade - talvez sejam a primeira descrição feita por um anarquista sobre a cidade. Junto com Rossi vinham os também anarquistas Cattina e Achile Dondelli, Evangelista Benedetti, Lorenzo Arrighini e Giacomo Zanneti, o primeiro núcleo de povoadores da Colônia Cecília (8).

Rossi continua seu relato falando sobre a Hospedaria dos Imigrantes, na Ilha das Flores, onde ele e seu grupo de libertários ficaram até 26 de março quando, a bordo do vapor Desterro, demandaram Paranaguá para de lá seguirem para o interior do Paraná onde fundariam a Colônia. Rossi descreve e elogia as instalações, a comida e a higiene da Hospedaria, alertando que "os imigrantes devem tomar cuidado apenas com os especuladores e suas promessas esplêndidas de trabalho e altos salários" (9).

Giovanni Rossi teria voltado ao Rio apenas em 1906, deslocando-se de Taquari, no Rio Grande Sul, onde lecionava na Escola Superior de Agricultura, após o fim da Colônia, para participar do I Congresso Operário Brasileiro, realizado de 15 a 20 de abril daquele ano no Centro Galego, à Rua da Constituição, no centro do Rio (10).

Milton Lopes

Fontes:

1. RODRIGUES, Edgar (1995). *Os Companheiros*. Rio de Janeiro: VJR Editores Associados Ltda., v. 2, págs. 133-135; MELLO NETO, Cândido de (1998). *O Anarquismo Experimental de Giovanni Rossi (de Poggo al Mare à Colonia Cecília)*, Ponta Grossa: Editora UEPG, 2ª ed., págs. 23 a 110.
2. RODRIGUES, Edgar (1969). *Socialismo e Sindicalismo no Brasil*. Rio de Janeiro> Laemmert; SOUZA, Newton Stadler (1970). *O Anarquismo da Colônia Cecília*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
3. MELLO NETO, C., op. cit., pág. 74.
4. SANTILLAN, Diego Abad de (1988). *Ricardo Flores Magón, el Apóstol de la Revolución Mexicana*. México D.F. Ediciones Antorcha, 2ª edição, pág 76.
5. *O Despertar*, Rio de Janeiro, Ano I, no 4, 29 de janeiro de 1899.
6. *Ação Direta*, Rio de Janeiro, Ano VI, no 54, 15 de abril de 1949.
7. Reproduzido em ROSSI, Giovanni (2000) *Colônia Cecília e Outras Utopias*. Curitiba : Imprensa Oficial do Paraná, págs. 25 a 27.
8. MELLO NETO, C., op. cit., págs. 110 a 113.
9. RODRIGUES, Edgar (1984). *Os Anarquistas, Trabalhadores Italianos no Brasil*. São Paulo: Global, p. 78 (apesar desta afirmativa do autor, não nos foi possível confirmar a presença de Rossi naquele evento).